

REVISTA ADVENTISTA

MAIO DE 1965

O Sinal do Verdadeiro Povo de Deus
Descoberto o mais antigo manuscrito massorético da Bíblia
A Escola Sabatina e a vinda de Jesus

ANO XXVI N.º 224

O Dia do Espírito de Profecia

A. CASACA

QUASE se pode dizer que estes últimos anos têm sido vividos no signo do famoso ecumenismo, que pretende formar a unidade das igrejas cristãs. Debalde se afadigam os homens em procurar um denominador comum fora do único e verdadeiro ponto de união, que é, evidentemente, o nosso Divino Salvador. Mas não haja ilusões! Não se trata de meras fórmulas ou concepções abstractas. Há que descer à realidade, ao domínio bem visível do concreto, que se encontra, precisamente, compendiado e definido na Sagrada Escritura. Falar de Jesus, da sua obra, da sua próxima Vinda é basearmo-nos, única e exclusivamente, nas páginas sagradas da Bíblia. Só ali poderemos encontrar o verdadeiro Jesus, isto é, os seus ensinamentos, a sua doutrina, a sua vontade para que Ele possa dizer de cada um de nós: «Vós sereis meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando» (João 15:14). Tudo isto pressupõe o exercício dessa grande virtude que desenvolve toda a sua enorme actividade na maior parte da nossa vida: a fé. Nós como povo que constituímos os Adventistas do Sétimo Dia temos a grande bênção não só de possuímos a Palavra da Deus, as Sagradas Escrituras, mas também a de termos o inestimável Dom do Espírito de Profecia, que foi colocado por Deus na Igreja Remanescente «para apregoar uma mensagem de reprovção aos que erram e de encorajamento aos mansos e aos humildes». (Irmã White, Review and Herald, de 26 de Janeiro de 1905).

Temos bem firme a nossa esperança nos seguintes grandes pontos de fé:

1.º — Pela fé, reconhecemos a existência de Deus. Sem hesitação ou sem qualquer outra prova Jesus diz-nos: «Tende fé em Deus».

2.º — Pela fé aceitamos toda a Bíblia como a mensagem de Deus ao homem.

É a revelação do seu amor, da sua vontade, do seu plano, da sua salvação para com o homem pecador e decaído, mas salvo por Jesus.

3.º — Pela fé sabemos que todos os homens pecaram e decaíram tanto dos seus próprios ideais, como dos ideais de Deus para com eles. Bem sabemos que todos somos pecadores e por isso foi necessário que o Senhor Jesus morresse para nos salvar.

4.º — Pela fé estamos convencidos de que Jesus Cristo é o nosso Salvador. Sabemos que o pecador é salvo do seu pecado por Jesus que veio de Deus para reconduzir os homens para Deus.

5.º — Pela fé reconhecemos que Deus falou ao homem, pelos profetas, e que é este o método que Deus tem usado,— desde os primeiros tempos da humanidade, até os nossos dias. «Ouvi agora as minhas palavras; se entre vós houver profeta, Eu, o Senhor, em visão a ele me farei conhecer, ou em sonhos falarei com ele.» (Números 12:6).

OS DONS ESPIRITUAIS

Quando Jesus subiu ao céu repartiu os seus dons pelos homens, conforme lemos em Efésios 4:8: «Subindo ao alto, levou cativo o cativo e deu dons aos homens.» Cumpriu assim a promessa que lhes tinha feito, antes de morrer (João 7:39), e que renovou depois da sua ressurreição (Actos 1:5, 8).

Esses dons espirituais são repartidos pelo Espírito de Deus. Na Igreja que é o corpo de Jesus, há pluralidade de membros e diversidade de serviços: Romanos 12:3-6.

(Continua na pág. 4)

SUMÁRIO

- O Dia do Espírito de Profecia Editorial
Importante reunião de «Cardiólogos» Adventistas
Descoberto o mais antigo manuscrito massorético da Bíblia
O Sinal do verdadeiro Povo de Deus
Notícias da Colportagem
Semana da Juventude na Igreja do Funchal
A Escola Sabatina e a vinda de Jesus
O Auxiliar da Escola Sabatina Um dos sete

MAIO DE 1965

ANO XXVI N.º 224

DIRECTOR E EDITOR:

A. J. S. CASACA

ADMINISTRADOR:

D. S. R. VASCO

CORPO DE REDACÇÃO:

A. CASACA, E. FERREIRA,
F. MENDES, M. MIGUEL,
O. COSTA E P. RIBEIRO

PROPRIETARIA: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Redacção e Administração:

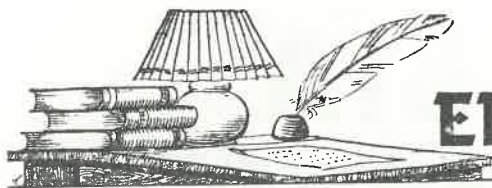
R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 - LISBOA

Composição e Impressão:

SOCIEDADE TIPOGRÁFICA, LIMITADA
Rua de D. Estefânia, 195-A — LISBOA

Número avulso 3\$00

Assinatura anual 30\$00



Página EDITORIAL

Prezados Irmãos e Irmãs:

Assembleias da União

Conforme anúncio oficial vamos ter no próximo mês de Junho as Assembleias ordinárias da nossa União. É o momento de podermos contactar, directamente, com alguns dos nossos prezados Irmãos e Irmãs das várias igrejas, que então se deslocam como delegados das mesmas. Convém que todos nos disponhamos a recebê-los com a amizade fraternal de quem sente e vive as mesmas esperanças e de quem aguarda o mesmo fim. Começemos, desde já, a preparar-nos para tão importante acontecimento. Agora que tanto se fala de concílios, convém recordar que é uma espécie de concílio regional; nele se vão tratar assuntos que interessam ao progresso e desenvolvimento da Obra de Deus. Teremos a presença amiga dos representantes da Divisão que, graças à sua experiência estão aptos a transmitir-nos as directrizes de que necessitamos.

Daqui endereçamos a todos os nossos dilectos Irmãos e Irmãs que nos vêm visitar as nossas cordiais saudações com os votos de que Deus os abençoe.

O Curso Teológico

Damos graças a Deus por nos ter permitido que funcionasse, durante este ano o nosso Curso Teológico. Teve a oportunidade de visitar algumas igrejas nas quais apresentou uma Mensagem de Esperança traduzida em cânticos religiosos.

Na próxima REVISTA daremos a notícia circunstanciada do acontecimento. Pedimos aos nossos Irmãos que nas suas orações incluam estes nossos Jovens que se estão preparando para a Obra do Senhor.

A. Casaca

Com as minhas saudações cristãs aqui venho trazer ao vosso conhecimento algumas notícias para todos quantos nos interessamos pelo progresso e marcha da Igreja:

A Campanha das Missões

Conforme as notícias que nos chegam das nossas várias igrejas locais podemos registar com satisfação que os nossos zelosos Irmãos e Irmãs se lançaram com entusiasmo na grande Obra que é a Campanha das Missões.

Trata-se de uma das primeiras — porventura a primeira — actividade da Igreja. Mantemos a designação de «primeira» entre as primeiras actividades da Igreja, porquanto ela reúne em si as obras da evangelização, dos estudos bíblicos, dos contactos missionários, da distribuição de literatura; numa palavra: sintetiza a actividade evangelística.

Todos temos a obrigação de colaborar na Campanha, porquanto há lugar para todos, há trabalho para todos, indiscriminadamente. Se nem todos se sentem capacitados para colocar as Revistas junto de estranhos, de desconhecidos, o mesmo não podem dizer se o fizerem junto de parentes, de amigos, de conhecidos, de colegas. Se nem mesmo isto tiverem a coragem de fazer, incumbem-lhes a obrigação de contribuir com a sua quota parte, contributo este que se nos apresenta como verdadeiro imperativo de lealdade para com Deus. E ainda todos temos a estrita e rigorosa obrigação de orar pelo bom êxito da Campanha para que o Senhor anime todos quantos nela trabalhem, concedendo-lhes, já neste mundo a consolação de se sentirem abençoados, porque o galardão só será recebido quando Jesus voltar, para o que estão activamente trabalhando participando na Campanha.



Os irmãos pastor Custis Barger e dr. B. E. Seton, que dirigiram a Convenção da Escola Sabatina, em Oertlimatt

rência Geral. Dirigindo a sessão de abertura, esteve ainda presente o pastor W. A. Wild, Secretário-Geral da nossa Divisão, o qual realçou o alto significado duma reunião desta natureza, comparando-a a um «congresso de cardiólogos».

Na exposição e discussão dos muitos assuntos relacionados com a Escola Sabatina, salientou-se, sobretudo, o aspecto da evangelização, o qual é, sem dúvida, o fulcro de toda a actividade deste departamento.

A nossa convicção, após a convenção de Oertlimatt, é que enormes são as possibilidades e vastos os horizontes que restam por explorar e devem ser explorados, no interesse da grandiosa obra de Deus na terra, que afecta cada igreja e grupo de crentes, cada pastor, dirigente, monitor e aluno, cada ovelha ou cordeirinho, dentro ou fora do redil do Bom Pastor.

Que os benéficos reflexos desta convenção possam em breve incidir sobre o nosso campo da União Portuguesa e que, pelo Espírito do Senhor, sejamos levados a agir de acordo com os planos e decisões que oportunamente serão anunciados, são os nossos mais ardentes votos.

Oertlimatt, Suíça, 12 a 14 de Abril

Importante reunião de «Cardiólogos» Adventistas, ou Uma Convenção da Escola Sabatina, ao Nível da Divisão

O órgão vital, o coração da nossa Igreja, todo o adventista sabe que é a Escola Sabatina. Tal facto ficou agora, mais do que nunca, demonstrado. Nos passados dias 12 a 14 de Abril, num *chalet* isolado, à beira do lago de Thun, na Suíça, estiveram reunidos representantes de nove países da Europa, incluindo Portugal, com a exclusiva finalidade de estudar os problemas relacionados com o funcionamento e a maneira de fazer progredir a nossa querida Escola Sabatina, de modo a permitir o seu desenvolvimento, como poderoso meio de edificação da Igreja e da conquista de almas para Jesus.

A convenção, que se revelou grandemente proveitosa, pelos temas que foram abordados, quer de ordem espiritual quer prática, foi superiormente dirigida pelo irmão Dr. B. E. Seton, secretário do Departamento da E. S., na Divisão

Sul-Europeia, e pelo irmão R. Curtis Barger, que tem idêntica responsabilidade, ao nível da Confe-



Um aspecto da Convenção de Oertlimatt, em pleno funcionamento

O Dia do Espírito de Profecia

(Continuação da pág. 1)

«Todas estas variedades de dons têm um só e mesmo princípio: o Espírito que as faz surgir vindo habitar nos fiéis.»

Vemos por I Cor. 1:4-9 a importância que Paulo liga aos dons do Espírito. Estes dons não foram dados à Igreja só para a época da sua fundação; deviam perpetuar-se até à manifestação final de Jesus.

Bem sabemos que todos os dons do Espírito são importantes para a Igreja e para o seu trabalho. Também nenhum dom opera independentemente dos outros, mas todos juntos «para o bem comum», para irem ao encontro do propósito do Espírito da Igreja.

Na primeira carta aos Coríntios diz-nos o apóstolo Paulo: «Ora, há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos. Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um, para o que for útil... Mas um só e o mesmo Espírito opera todas estas coisas, repartindo particularmente a cada um como quer.» (I Cor. 12:4-11).

A IMPORTÂNCIA DO DOM DE PROFECIA

O Dom de Profecia destina-se a trazer a revelação de Deus à Igreja, comunicando conselhos vitais àqueles que, pelo ensino conservam os ganhos e recursos da Igreja. É significativo que o dom de profecia seja colocado, conforme a enumeração feita pelo apóstolo Paulo, entre o dom dos apóstolos e o dom dos doutores (algumas versões traduzem doutores por professores).

Isto implica a direcção celeste para cada um e, através de admoestações divinas, conselhos e revelações do dom profético.

A importância do dom de profecia ressalta do facto de muitas Denominações religiosas actuais não só terem perdido o seu zelo primitivo, como também se terem deixado eivar por doutrinas contrárias às verdades divinamente reveladas. Tudo isto, muito simplesmente, porque puseram de parte o dom da profecia. Sem o Espírito de Profecia são como barcos sem leme, completamente à mercê dos ventos traiçoeiros das falsas doutrinas que estão varrendo o mundo religioso.

Como sabemos, de todos os dons outorgados pelo Espírito Santo à Igreja, o Dom de Profecia é o primeiro que beneficia, directamente, a Igreja.

Dos outros dons, como do evangelismo, do ensino, da cura, etc., podem beneficiar os que estão fora ou dentro da Igreja; mas o Dom de Profecia pertence, especialmente, aos crentes.

O ESPÍRITO DE PROFECIA NA IGREJA REMANESCENTE

No ano exacto marcado pela profecia de Daniel dos 2300 dias, isto é, 1844, Deus restaurou o dom de profecia na sua Igreja. Chegara o tempo de suscitar um povo que «guardasse os Mandamentos de Deus e tivesse a fé de Jesus» e que levasse as verdades da triplice Mensagem angélica a todo o mundo. A Igreja Remanescente que surge em 1844, tornou-se conhecida como Adventista do Sétimo Dia e a Serva do Senhor através da qual apareceu o Espírito de Profecia entre esse mesmo povo, nesse mesmo ano e durante 70 anos depois, a nossa Irmã White. Deus tinha agora na terra o começo de uma Igreja obediente, crente e com ela estabeleceu imediatamente uma linha de comunicação. O Espírito de Profecia não foi dado para tomar o lugar da Bíblia ou para ser uma adição à Bíblia; foi dado, sim, para chamar a atenção do povo de Deus para verdades bíblicas até então descuradas, desprezadas ou negligenciadas. É este precisamente o objectivo das revelações e escritos da Irmã White.

Nestes nossos dias, quando o grande adversário está desencadeando, por todos os meios, pelos mais subtis, os seus últimos ataques, importa ao povo de Deus, mais que nunca, apegar-se firmemente à Sagrada Escritura e ao Espírito de Profecia. Recordemos como o adversário está agora fomentando a leitura e divulgação da Bíblia. Mas é a divulgação e a leitura sempre de acordo com o seu sistema, como os seus processos: obnubilar ou mutilar a verdade. Mais do que nunca temos de recorrer ao estudo da Palavra de Deus que é claramente iluminada pelo Espírito de Profecia. O adversário, contrariamente ao que fizera até aqui, está agora a divulgar a Bíblia. Mas os resultados continuam os mesmos, resultados de erro e de trevas, porque a leitura feita com as ideias preconcebidas fixadas pela tradição, prosseguem na sua mesma marcha de se afastar, cada vez mais, da Fonte Divina.

Que o nosso bom propósito de estudarmos cada vez mais, com a Palavra de Deus, também as obras do Espírito de Profecia, seja uma santa realidade, largamente abençoada por Deus.

Descoberto o mais antigo manuscrito massorético da Bíblia

Prof. SIEGFRIED H. HORN

Catedrático de Arqueologia e de História Antiga na
Universidade Andrews, Barrien Springs, Estados Unidos

*A mão de Deus protegeu este precioso documento
bíblico, quando a sinagoga que o guardava foi
destruída.*

HÁ anos parava eu diante de uma sinagoga destruída, na cidade de Alepo, na Síria setentrional. Este lugar de culto judaico tinha sido saqueado e incendiado, durante uma das sombrias perturbações anti-hebraicas, que rebentavam em todos os países árabes em 1947, durante a guerra árabe-judaica.

A destruição desta sinagoga suscitou nos bibliófilos uma consternação mais profunda do que a destruição de qualquer outro edifício análogo noutras localidades, porque nela se guardava um dos mais preciosos manuscritos bíblicos conhecidos e parecia que este documento de inestimável valor se tinha perdido para sempre.

Os Judeus de Alepo de há séculos que possuíam uma Bíblia Hebraica completa que remontava ao século décimo da Era Vulgar, a qual tinha sido corrigida e vocalizada pelo mais célebre de todos os massoretas judeus: Aarão ben Asher. Foi precisamente deste manuscrito bíblico que o grande erudito judeu, Moisés Maimónides, disse no século doze que era o mais precioso e autorizado texto bíblico hebraico. Por isso era considerado como a pedra de toque de todo o texto hebraico publicado ou consultado desde aqueles tempos. O precioso manuscrito, redigido originariamente em Tiberíades, na Palestina, tinha finalmente encontrado asilo na sinagoga de Alepo, depois de inumeráveis peripécias através de vários países.

Os Judeus de Alepo aceitavam uma tradição, segundo a qual este manuscrito teria sido redigido no

quinto século A. C. pelo escriba Esdras mencionado no Antigo Testamento. Por isso, consideravam-no sagrado, e a tal ponto que quase não o mostravam receando que fosse profanado. Muitos estudiosos da Bíblia, judeus e não judeus, tinham viajado até lá para o consultar, mas muitos deles não conseguiram vê-lo. Contudo, no século dezanove, houve quem conseguisse fotografar às escondidas uma página do Pentateuco, que depois foi publicada em Oxford, em 1887. O caso alarmou grandemente os Judeus de Alepo quando tomaram conhecimento do ocorrido, o que os levou a guardar com muito maior cuidado o seu inestimável manuscrito. Durante os últimos cinquenta anos não mais de dois ou três estudiosos conseguiram estudar alguns passos desta Bíblia célebre.

Quando se espalhou no mundo da cultura a notícia da destruição da grande sinagoga de Alepo, e muito provavelmente, também do venerável manuscrito bíblico, houve uma enorme consternação entre os estudiosos, pois sabia-se que nunca tinha sido feita nenhuma cópia fotostática do documento, nem tão-pouco nenhuma recolha completa do texto. O malgrado Prof. M. D. Cassuto, da Universidade Hebraica, o último estudioso a quem tinha sido permitido recolher alguns textos antes do levantamento anti-hebraico, lamentou a perda do precioso manuscrito, num artigo especial publicado no jornal israelita *Há'aretz* de 18 de Dezembro de 1947.

No Verão de 1959, estava eu na sala de estar da casa do Dr. Benja-

min Mazar, naquela época, Reitor da Universidade Hebraica de Jerusalém. O Dr. Mazar tinha sido um dos meus professores quando eu frequentava a Universidade e desde então ficámos amigos.

Durante a conversa falou de várias descobertas arqueológicas recentes e dos projectos relativos às suas publicações, mencionando incidentalmente o facto que uma das primeiras coisas que era necessário estudar e publicar era o descoberto Código de Alepo.

Esta última menção deixou-me assombrado. Julguei ter percebido mal e, por isso, perguntei-lhe: «O Professor está a falar da Bíblia hebraica que desapareceu na destruição da sinagoga de Alepo?» Disse-me que se referia, precisamente, àquele manuscrito que se julgava perdido. Soube então que tinha sido recuperado nos escombros da sinagoga e que embora profanado e mutilado, tinha sido escondido num lugar secreto por alguns judeus piedosos, onde tinha permanecido durante alguns anos, até que foi possível transportá-lo para Israel, onde se encontra actualmente, na Universidade Hebraica de Jerusalém.

Os estudiosos desta Universidade resolveram usar este manuscrito como base de uma nova publicação científica do texto bíblico hebraico que será feita sob os auspícios da Universidade. É pena que cerca de um quarto das páginas deste precioso manuscrito tenha sido destruído; contudo, os bibliistas sentem-se alegres por saberem que pelo menos três quartas partes es-

caparam à destruição e que agora estão à disposição dos estudiosos.

Em 1960 viu a luz do dia uma nova publicação, o primeiro volume do *Textus* um «Anuário do Plano Bíblico da Universidade Hebraica». Será um periódico internacional para o estudo do texto da Bíblia Hebraica e das suas versões. Com os Rolos Bíblicos do Mar Morto em mão e a disponibilidade do descoberto Códice de Alepo, este novo periódico poderá tornar-se uma preciosa mina para o estudo do texto bíblico.

O primeiro volume contém uma descrição detalhada do Códice de Alepo acompanhada de 12 tábuas que reproduzem fotograficamente as 11 páginas do Pentateuco escapadas à destruição — desde Deuterónimo 26:37 até 34:12 — e a página de Génesis — agora perdida — publicada em 1887. Este volume também contém um trabalho sobre a autenticidade do Códice de Alepo e vários outros estudos apreciáveis sobre problemas concernentes ao texto hebraico da Bíblia.

Donde provém a grande importância do Códice de Alepo

Donde deriva a grande importância do Códice de Alepo? Não se pode responder a esta pergunta indicando simplesmente a idade veneranda do manuscrito. É necessário, também, saber qualquer coisa mais sobre a história do texto hebraico da Bíblia e da sua transmissão e recordar, ainda, que durante séculos as cópias do Antigo Testamento foram escritas à mão, em vários lugares. Nos tempos de Jesus a maior parte das sinagogas palestinianas possuíam porções da Bíblia hebraica ou uma colecção completa de rolos dos livros do Antigo Testamento. Alguns daqueles rolos, nomeadamente os que eram propriedade das sinagogas mais ricas, tinham sido copiados por escribas eruditos; mas os outros, isto é, os que pertenciam a pequenas comunidades ou a indivíduos privados, tinham sido copiados por leigos e por isso continham bastantes erros de cópia e de outro género.

Pelos fins do primeiro século da Era Vulgar, realizou-se em Jamnia — pequena cidade junto da costa

palestinense, que se tornou centro de cultura e de estudos hebraicos depois da primeira guerra judaico-romana (66-70 da nossa Era) — um concílio de rabinos judeus durante o qual foi discutida a questão da cópia da Bíblia; estabeleceram-se, então, regras precisas para salvaguardar o texto bíblico da corrupção que podia sofrer como consequência do trabalho pouco cuidadoso de copistas inábeis. De então para cá os copistas judeus cumpriram meticulosamente aquelas regras.

Por consequência, os manuscritos bíblicos produzidos desde então para cá — praticamente, todos os manuscritos bíblicos hebraicos que chegaram até nós à excepção dos rolos do Mar Morto provenientes de Qumran — não apresentam variantes apreciáveis na sua estrutura consonântica. Alguns séculos depois do Concílio de Jamnia os escribas que copiavam os manuscritos bíblicos foram chamados *sopherim*, isto é, «contadores», porque contavam as palavras, e até mesmo as letras de cada livro para terem a certeza de que todas as cópias eram iguais.

Quando, alguns séculos mais tarde, se viu que a língua hebraica se estava a extinguir, tentou-se um sistema para fixar a pronúncia das palavras hebraicas. Até então, todas as obras literárias hebraicas, bíblicas e não-bíblicas, tinham sido compostas com uma escrita privada de sinais vocálicos, consistindo, apenas de consoantes. A partir do século sétimo da nossa Era tentaram-se várias experiências para um sistema de vocalização. Este trabalho foi executado em Babilónia e também na Palestina por alguns eruditos judeus chamados Massoretas.

Depois de um longo período de tentativas, durante o qual foram inventados diversos sistemas, foi universalmente aceite por todos os Judeus e ficou em uso até aos nossos dias um método criado em Tiberíades, por uma família de Massoretas — a de Ben Asher.

Na família de Ben Asher distinguiram-se sobretudo dois homens como autênticos luminares: Moisés ben Tsher e o filho, Aarão Moisés ben Tsher, mais conhecido com o nome abreviado de Aarão ben Tsher. Estes homens não só inven-

taram e aperfeiçoaram um sistema para vocalizar os textos hebraicos consonânticos, como também foram ardentes copistas. Produziram manuscritos bíblicos e corrigiram e forneceram vogais e acentos aos manuscritos copiados por outros.

Os manuscritos dos Ben Asher actualmente existentes

Um dos manuscritos produzidos por Moisés ben Asher em 895 da nossa Era ainda existe e encontra-se no Cairo. Trata-se de um manuscrito dos Profetas e compreende os livros de Josué, dos Juizes, de Samuel, dos Reis, de Isaías, de Jeremias, de Ezequiel e dos Profetas Menores. Este venerável documento foi fotografado, estudado e usado como base do texto hebraico nas hodiernas publicações bíblicas. Faltando-lhe, contudo, o Pentateuco e os Hagiógrafos e contendo, portanto, uma das três porções do Antigo Testamento hebraico, é claro que não pode servir de base para a publicação de todo o Antigo Testamento.

Esta lacuna poderia preencher-se com o Códice de Alepo, até que se manteve íntegro. O texto consonântico daquele Códice que até à época da sua destruição parcial, em 1947, continha todo o Antigo Testamento hebraico, foi escrito originariamente, por Shelomo ben Buyaca. Por volta do ano de 930, Aarão ben Asher corrigiu este texto e juntou vogais e acentos às consoantes, assim como aquelas anotações massoréticas que se encontram à margem de cada texto bíblico hebraico escrito por Moisés ben Asher ou por Aarão ben Asher, e nenhum dos textos escritos por outros Massoretas mas não baseados numa cópia dos Ben Asher é reconhecido como autorizado pelos Judeus ortodoxos.

O manuscrito bíblico hebraico que vem a seguir, na ordem de importância, é o Códice de Leninegrado B19A, que se encontra naquela cidade russa. Foi escrito no Cairo em 1008 da nossa Era por um certo Samuel ben Jacob, que se baseou numa cópia manuscrita de Aarão ben Asher. Desde que, durante vários séculos não foi possível dispor do Códice de Alepo, foi necessário usar outros manuscri-

O Sinal do verdadeiro Povo de Deus

A. G. MAXWELL

Há dezanove séculos, podia-se ver o povo mais religioso que o mundo jamais conheceu. Observava todos os Mandamentos do Decálogo, pagava fielmente o dízimo, conformava-se escrupulosamente com a reforma sanitária. Acreditava, além disso, que a observância do Sábado fazia reconhecer nele o verdadeiro povo de Deus. Contudo, quando Jesus apareceu, este povo votou-lhe um ódio mortal, indo até ao ponto de o crucificar.

Este exemplo trágico adverte-nos que se pode ser Adventista do Sétimo Dia, pagar o dízimo, conformar-se com a reforma sanitária, e, contudo, não fazer parte do povo de Deus. Convém, portanto, que procuremos saber onde está o verdadeiro sinal de se pertencer ao povo de Deus.

A observância do Sábado é um dos sinais que mais nos distinguem no mundo cristão. Até o integráramos no nome que distingue a nossa Denominação: Adventista do Sétimo Dia. Infelizmente, poucos cristãos nos imitam nisto. Na realidade, muitos dos que nos admiram duvidam que tenhamos aceitado a doutrina da salvação pela fé, por causa da nossa persistência em observar este antigo mandamento dos Judeus.

Temos nós a certeza de trilhar o verdadeiro caminho? O facto de observarmos o Sábado significa realmente que somos o verdadeiro povo de Deus? Ou será antes o sinal de um legalismo persistente?

Nenhuma base legal

Enquanto Cristãos, regozijamo-nos por saber que não estamos sob

a lei, mas sob a graça (Rom. 6:14). Estamos reconhecidos ao Senhor por sabermos isto, porque se estivéssemos sob a lei, sotreríamos as consequências das nossas transgressões, o salário do nosso pecado, a morte (vers. 23). Mas as nossas relações com Jesus não assentam numa base legal.

Aceitamos, alegremente, a doutrina cristã da justificação pela fé. Jesus, efectivamente, é o fim da lei, o fim do legalismo como meio de salvação. Sabemos que todos os que têm a fé podem ser justificados (Rom. 10:4).

Acreditamos, também, que o amor é o cumprimento da lei (Rom. 13:8), e, submetendo-nos com alegria ao mandamento novo de Jesus, esforçamo-nos por nos amarmos uns aos outros, como Ele nos amou (João 15:12).

(Continua na pág. 8)

tos antigos hebraicos como base das edições impressas da Bíblia hebraica, entre os quais figura o já mencionado Códice de Leninegrado que serviu de base à mais espalhada e usada Bíblia hebraica, a terceira edição da *Bíblia Hebraica* de Kitzel. Agora, porém, com a descoberta do Códice de Alepo, os estudiosos da Bíblia já não são obrigados a recorrer a cópias posteriores ao trabalho de Aarão ben Asher, escritas muitas décadas e até mesmo séculos depois da sua morte, visto que podem dispor do trabalho original daquele famoso Massoreta.

Ter-se-á tornado supérfluo o texto massorético após a descoberta dos Rolos do Mar Morto?

O leitor deste artigo talvez pergunte se o Códice de Alepo que data do século décimo da nossa Era não terá perdido grande parte do seu valor, desde que podemos dispor dos Rolos do Mar Vermelho, manuscritos bíblicos anteriores àquele, pelo menos mil anos. Tal raciocínio seria válido se toda a Bíblia hebraica estivesse represen-

tada pelos manuscritos do Mar Morto. Mas infelizmente, não é assim. Só um livro do Antigo Testamento, o de Isaías, é que se conservou em perfeitas condições. De todos os outros livros do Antigo Testamento não foram encontrados senão fragmentos nas várias cavernas perto do Mar Morto. Se estes fragmentos, alguns mais conspícuos, outros mais pequenos, são de inestimável valor, enquanto nos fornecem exemplares do tipo do texto bíblico em uso nos tempos de Jesus Cristo, não podem, porém, servir de base para uma edição completa da Bíblia hebraica. Para obter esta base temos de recorrer ainda aos textos conservados pelos sábios judeus da baixa Idade Média.

Além disso, os Rolos do Mar Morto apenas nos fornecem um texto consonântico privado de vocalização, pelo que temos sempre de recorrer aos Massoretas e ao seu texto vocalizado para saber a pronúncia correcta da forma textual hebraica do Antigo Testamento. É, de facto, o texto massorético que pronúncia e das regras gramaticais da língua hebraica. Nem mesmo,

se o acaso pusesse nas nossas mãos um manuscrito bíblico completo dos tempos de Jesus Cristo — e seria, decerto uma descoberta das mais extraordinárias — repetimos, nem mesmo assim os textos massoréticos perdiam o seu valor, porque, sem eles a pronúncia da língua hebraica teria ficado esquecida. Portanto, os estudiosos da Bíblia devem muito aos eruditos que produziram aqueles textos veneráveis.

Pensa-se, geralmente, que as descobertas de uma certa importância são feitas graças à picareta do arqueólogo ou graças ao beduíno que perscruta as cavernas do deserto em busca de uma cabra perdida. A descoberta do Códice de Alepo demonstra que descobertas de grande importância podem ser feitas em circunstâncias completamente diversas e de modo absolutamente inesperado. O olhar de Deus que vigiou a Sua Palavra assim como a sua transmissão através de séculos, vigiou certamente também este precioso documento e salvou-lhe a parte mais conspícua, preservando-a da destruição violenta e da ira dos homens.

O Sinal do verdadeiro Povo de Deus

(Continuação da pág. 7)

Mas se a justiça se obtém pela fé, se Jesus é o fim da lei afim de que todos os que têm a fé possam ser salvos, e se as exigências da lei de Deus podem ser satisfeitas pelo amor, por que observamos, ainda, o quarto mandamento do Decálogo?

O Espírito de Profecia adverte-nos de que o Sábado do Sétimo Dia será o ponto central do grande conflito que se vai desenrolar entre o bem e o mal. Mas também sabemos que o seu objectivo é o de saber se os homens conservam a sua fé em Jesus. É, pois, necessário que estejamos perfeitamente elucidados sobre este assunto.

Como todos sabemos, os Cristãos da última geração passarão por uma experiência que os qualificará para atravessar vitoriosamente o tempo de angústia e subsistirem por ocasião da vinda de Jesus nas nuvens dos céus. Estou convencido de que verão claramente as relações que existem entre a observância do Sétimo Dia e a justificação pela fé, e que, por consequência, hão-de observar aquele dia.

Julgo que é necessário, antes de mais, definir, de novo, o que é a justificação pela fé. Para mim, significa que temos plena confiança em Deus, baseada na Revelação, que acreditamos tudo o que ela nos diz, que nos submetemos a ela aconteça o que acontecer. Se verdadeiramente tivermos uma tal fé, estamos seguros da nossa salvação. É por isso que a fé é a única coisa necessária para irmos para o céu.

O objectivo principal da observância do Sábado é o de contribuir para desenvolver em nós uma confiança ilimitada em Deus. Não se trata de uma simples obediência legal, mas antes de um meio destinado a ajudar-nos. Jesus disse: «O Sábado foi feito para o homem e não o homem para o Sábado» (Marcos 2:27).

Como é que o Sábado do Sétimo Dia fortalece a nossa fé em Jesus? A Bíblia declara (Êxodo 20 e 31) que o Sábado tem por finalidade recordar-nos que Deus é o nosso Criador. Ora, em Col. 1:16, precisa-se que este Criador não é outro senão Jesus Cristo. O Sábado

do Sétimo Dia recorda-nos, portanto, que Jesus que veio até nós para nos salvar, também nos criou. Aquele adorável Jesus que morreu no Calvário é também o onnipotente Criador do Universo. Deus não encarregou nenhum ser subordinado para vir morrer por nós na terra. Foi o próprio Criador, igual a Deus, que veio desempenhar esta missão. Santificando o Sábado, afirmamos a nossa fé em Jesus, não só como nosso Salvador, mas também como nosso Criador.

Alguns dos nossos amigos Cristãos preferem observar o primeiro dia da semana, no qual vêm o memorial da ressurreição de Jesus. É bom pensarmos neste acontecimento da madrugada de domingo, porque, efectivamente, Jesus ressuscitou naquele dia. Mas não seria igualmente bom pensarmos na sexta-feira na crucifixão, e na quinta-feira na reunião de Jesus com os discípulos, no Cenáculo?

O único dia de repouso, de que fala a Bíblia é o que foi posto de lado, para nos recordar que o nosso Redentor é também o nosso Criador.

Outro significado do Sábado

Uma outra razão pela qual a observância do Sábado contribui para fortalecer a nossa fé em Jesus é a de nos recordar, segundo Êxodo 31:13 e Ezequiel 20:12,20, que Deus é quem nos santifica.

A nossa santificação compreende o desenvolvimento harmonioso das nossas faculdades físicas, mentais e espirituais, até que a imagem de Deus, segundo a qual o homem foi criado, na origem, seja perfeitamente restaurada em nós. Observar o Sábado, é reconhecer que só o Criador pode cumprir uma tal transformação. Do mesmo modo que teve o poder para nos criar, assim também tem o de nos recriar. Não é maior milagre criar seres humanos, do que restaurar neles a imagem divina original. Por isso David depois do seu grande pecado exclamou: «Cria em mim, ó Deus, um coração puro!» (Salmo 51:10).

Observando o Sábado, manifestamos a nossa fé em Jesus como em Quem nos resgatou e santificou. Nenhum outro dia mencionado na Escritura manifesta tal confiança no nosso Criador.

Uma outra maneira, segundo a qual o Sábado fortalece a nossa fé em Jesus é mencionada no capítulo quarto da Epístola aos Hebreus. Ali, o Sábado é descrito como um tipo e um antegozo do repouso final e da restauração futura. Os filhos de Israel a caminho do país de Canaã não entraram naquele repouso de Deus, por causa da sua falta de fé. Mas os que conservam a sua fé em Jesus podem começar a gozar aquele repouso já nesta vida. E gozã-lo-ão plenamente quando forem admitidos na Canaã celestial, no Eden restaurado.

Guardando o dia de Sábado, participamos, por antecipação daquele Sábado futuro, ao mesmo tempo que manifestamos a nossa fé na Segunda Vinda de Jesus e na restauração de todas as coisas.

Estes três objectivos do Sábado dão à sua observância uma grande importância.

Três grandes perguntas têm preocupado a humanidade, no decorrer dos séculos: Donde vimos? Por que existimos? Para onde vamos?

A resposta do Sábado

O dia de Sábado tem sempre respondido a estas perguntas.

Donde vimos?

O Sétimo Dia recorda-nos esta declaração do Génesis: «No princípio criou Deus aos céus e a terra».

Por que existimos? Qual é o melhor uso que podemos fazer da nossa vida?

A resposta do Sábado recorda-nos que o grade objectivo da vida é a nossa santificação, a nossa restauração à imagem de Deus pela fé n'Aquele que, no princípio, havia criado o homem perfeito.

Para onde vamos?

O Sétimo Dia chama a nossa atenção para Segunda Vinda de Jesus, para o repouso final, e para o restabelecimento de todas as coisas.

Visto o Sábado ter uma tal importância, é muito natural que o

grande adversário se encarnice em o destruir. O plano de Satanás é o de nos tirar a crença de que Jesus é o Criador. Mas não podia conseguir tal coisa, se o homem guardasse o Sábado. Por isso emprega toda a sua influência para substituir o Sábado por qualquer outro dia.

Este dia substituto foi hábilmente escolhido.

O primeiro dia da semana já há muito que era uma festa pagã: o grande e santo dia do Sol. Já tinha sido observado, muito cedo, pelos descendentes de Caim, pouco depois do encerramento do Jardim do Eden. Caim recusara-se a reconhecer a necessidade de um Salvador e de aceitar Jesus como seu Redentor. Mas, todas as semanas, o Sétimo Dia lembrava-lhe a sua verdadeira condição. Então, tendo abandonado a sua fé em Jesus, abandonou, igualmente, a observância do Sétimo Dia da semana.

O primeiro dia da semana é também o dia em que Jesus ressuscitou dos mortos. Ora, «se Cristo não ressuscitou — dirá S. Paulo — é vã a vossa fé» (I Cor. 15:177). Por outro lado, muitos cristãos dos primeiros séculos eram impelidos a fazer o impossível para não serem confundidos com os Judeus. Ora, o que distinguia, sobretudo estes, era a observância do Sábado. Substituindo este pelo primeiro dia da semana, os Cristãos provavam — pensavam eles — que tinham rompido com as crenças e as práticas dos Judeus.

O conhecimento destes factos deve causar em nós mesmos uma real simpatia para com os nossos amigos cristãos que não observam o Sábado. Muitos deles são para nós exemplo de fé cristã, mas a verdade é que não compreendem as relações que unem esta fé e a observância do Sábado, senão no momento em que lhes forem apresentadas provas irrefutáveis. Foi pensando nisto mesmo que a irmã White disse que numerosos membros do corpo de Jesus ainda estão dispersos noutras Igrejas. (*Conflito dos Séculos*, pág. 427).

Mas a humanidade pagou muito caro a substituição do Sábado pelo domingo. Porque, fora do Sábado, quem responde às três grandes perguntas, de que falámos? Pois for-

jaram-se outras soluções, como vamos ver.

Donde vivimos?

Fora do Sábado, que nos recorda que fomos criados por Jesus, apresenta-se a teologia errónea da Evolução. Ou, então, como outros dizem mais cientificamente: «Não sabemos donde vivimos».

Por que existimos? Como tirar o melhor partido da vida?

Fora do Sábado, que nos recorda que a justiça e a salvação procedem da fé em Jesus, chegou-se ao erro teológico da justificação pelas obras. Ou, como outros têm dito com maior precisão: «Visto não sabemos por que existimos, comamos e bebamos, porque amanhã morreremos».

Para onde vamos?

Pondo de parte o Sábado, que chama a nossa atenção para a Segunda Vinda de Jesus e para a restauração final de todas as coisas, chegou-se ao erro nefasto da imortalidade essencial da alma. Ou, como outros preferem dizer: «Visto não sabermos o que nos espera depois desta vida, aproveitemos as alegrias que ela nos oferece».

O Sábado desempenha um papel importantíssimo. A diferença essencial entre as numerosas religiões e o verdadeiro Cristianismo encontra-se nas respostas a estas três grandes perguntas.

Fiquei particularmente impressionado, por tudo isto, quando, há anos, segui um curso de filosofia religiosa numa universidade. Passaram-se ali em revista alguns dos principais sistemas filosóficos. No fim, devíamos resumir tudo o que tinha sido objecto do nosso estudo. Depois de ter reflectido bastante, resolvi observar que, no nosso curso, tínhamos aparentemente chegado a estas conclusões: «Não sabemos de donde vivimos, ignoramos por que estamos neste mundo, e não sabemos o que acontecerá de nós, depois da morte». Quando me restituiram o meu trabalho, li, nele, à margem, as seguintes palavras: «E quem o pode saber?»

Há muita gente neste mundo que não é capaz de responder a estas três perguntas, mas que gostavam de o saber. Quando apresentamos a questão do Sábado, convidamos todos os homens a reconhecer Jesus

como Criador, como quem os santifica e que voltará.

Na sua versão da Bíblia, Moffat deu de Ezequiel 20:12 a seguinte versão: «Eu dei-lhes o meu Sábado para marcar o laço que existe entre Mim e eles, para lhes ensinar que Eu sou o Eterno, que os pus à parte».

A última mensagem de Deus ao mundo inclui a restauração deste laço que a maior parte das pessoas rompeu: o Sábado do Sétimo Dia. Não é uma mensagem legalista. Não é uma advertência para observar o Sábado ou outros mandamentos de Deus, sob pena de morte. É, pelo contrário, uma mensagem de amor e de fé. Pregamos a Cristo como sendo Quem nos criou, no início, que nos quer criar de novo, e que virá, bem depressa para restaurar todas as coisas. Quando pregamos isto, pregamos o Sábado do Sétimo Dia.

Por isso é que o Sábado é o grande tema, o tema central do último grande conflito. O prémio da luta não é apenas um dia, mas a eternidade.

No fim dos tempos, os homens dividir-se-ão em dois grupos. No mais pequeno estão os que aceitam a Jesus e em cuja vida se manifestará o Seu carácter por causa da sua fé n'Ele, do seu amor e da sua admiração por Ele.

O outro grupo, infelizmente, mais numeroso, será composto por todos aqueles que seguiram a Satanás e que, por causa da sua fé nele e da sua preferência por ele, reflectem o seu carácter.

Quando vier tal tempo, a observância do dia que substitui o Sábado, exprime a fé num Cristo impostor, do qual já há muito se disse que: «exaltou o seu trono acima das estrelas de Deus. . . que quis ser semelhante ao Altíssimo» (Isaias 14:13,14).

Naquele momento, a observância do Sábado será, da parte do cristão, um reconhecimento público — talvez com perigo da sua vida — da sua fé no verdadeiro Cristo, e da sua confiança ilimitada em Jesus, seu Deus, seu Criador e seu Salvador.

Julguemos, portanto, se em tais condições, é justo dizer que os nossos amigos cristãos que observam

Continua na pág. 14)

NOTÍCIAS DA COLPORTAGEM

Os nossos fiéis colportores realizaram em 1964 um trabalho magnífico, ultrapassando o alvo estipulado pela Divisão (612 000\$00) e estão este ano animados dum novo espírito e confiados em Deus no prosseguimento da sua tarefa: Evangelizar pela Palavra escrita!

Para 1965 foi-nos proposto pela Divisão um alvo de 700 000\$00 de Vendas. Estamos todos unindo as nossas forças à ajuda Divina, não só para atingir, mas para o ultrapassar como no ano anterior. Apresentamos o relatório de vendas do 1.º trimestre para que os leitores da Revista Adventista conheçam os nossos colportores e o seu trabalho. Desejamos mesmo que os fiéis membros das nossas igrejas se deixem contagiar e conquistar pelo nosso trabalho e decidam ajudar-nos. Podem fazê-lo de três maneiras:

1. Dispensando a vossa simpatia aos colportores que estão na vossa igreja, ou que estão somente de passagem.
2. Orando pelo êxito do nosso trabalho e por novas vocações.
3. Decidindo consagrar-se ao trabalho da colportagem, com a convicção que é um meio por excelência de evangelização para os nossos dias e mais uma garantia das bênçãos de Deus. «Os que neste tempo se decidem com fervor e consagração à obra da Colportagem, serão grandemente abençoados» (colp. Ev. pág. 15).

Temos grande quantidade e variedade de livros, grandes e pequenos, repletos da Mensagem, um bom grupo de irmãos e irmãs que ousadamente a apresentam ao público, como podem ver no relatório

do trimestre, mas muitas das nossas aldeias, vilas e cidades mesmo, esperam um e dois anos pela visita, por vezes rápida, dum colportor.

A Obra de Deus em Portugal precisa que mais irmãos e irmãs se consagrem a este trabalho. Precisamos de colportores ocasionais, que se dediquem à venda dos nossos livros e revistas nas suas horas vagas; precisamos que mais estudantes sigam as instruções do Espírito de Profecia, que os aconselha a colportar nas férias, o que será para eles a melhor escola para a formação do carácter e para uma experiência cristã mais profunda; precisamos, finalmente, de mais colportores regulares, que ousadamente e com fé deixem as suas ocupações e ponham os seus talentos ao serviço da Obra de Deus.

Deus não olha ao exterior, nem às possibilidades humanas, mas olha à nossa fé e à nossa consagração. Bastará deter-nos em alguns exemplos para confiar em Deus apesar das nossas fracas pos-

sibilidades humanas e da nossa incapacidade mesmo. Um dos nossos colportores autorizados respondeu, no fim do último ano, a um apelo que dirigimos através da Revista Adventista. A sua apresentação era fraca, os seus conhecimentos rudimentares, mas o seu desejo de se consagrar ao Mestre era firme e sincero. Deus aceitou e abençoou essa consagração e a sua sinceridade abençoando-o de tal maneira, que tem sido um dos melhores vendedores. Ainda um exemplo: um dos colportores em França, que colaborou em Janeiro na primeira campanha de Evangelização através da colportagem, completou nesse mês 80 anos e tem uma perna de pau! Este exemplo além de nos inspirar confunde-nos e envergonha-nos.

Nós que temos saúde, que temos boa apresentação e outras possibilidades, não desejaremos pôr os nossos talentos ao serviço do Mestre? «Deus fará grandes coisas por nós, se nos achegarmos humildes e crentes a Seus pés» (C. E., pág. 151).

Todos que trabalhamos no Departamento das Publicações, agradecemos já a Deus por todos aqueles que decidam juntar-se a nós na evangelização pela colportagem.

Ficamos esperando pelas vossas notícias.

J. Dias

Assembleia Geral da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia

CONVOCAÇÃO

De acordo com o artigo 6.º, parágrafo 1.º, dos Estatutos da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, é convocada pelo presente aviso a Assembleia Geral Ordinária da mesma União, que terá lugar em Lisboa, de 3 a 6 do próximo futuro mês de Junho.

Lisboa, Maio de 1965

O Presidente

Armando José Simão Casaca

UNIÃO PORTUGUESA

RELATÓRIO DE VENDAS DE JANEIRO A MARÇO DE 1965

Nomes dos Colportores	Horas	LIVROS		REVISTAS		Total
		N.º	Valor	Avulso	Assinaturas	
ACREDITADOS						
Arlindo Bastos	523	437	10 130\$00	54\$00	9 840\$00	20 024\$00
Manuel M. Almeida	345	271	10 635\$00	48\$00	4 080\$00	14 763\$00
António de Jesus	361	50	2 380\$00	—	8 430\$00	10 810\$00
Isaías da Silva	425	126	3 784\$00	431\$00	4 410\$00	8 625\$00
António Curado	309	98	2 000\$00	329\$00	3 841\$00	6 170\$00
Isabel R. Silva	228	70	1 901\$00	36\$00	3 360\$00	5 297\$00
<i>Total</i>	2 061	1 027	30 830\$00	898\$00	33 961\$00	65 689\$00
AUTORIZADOS						
Alice Esteves	354	262	9 280\$00	168\$00	7 036\$00	16 484\$00
Manuel Custódio	373	566	15 190\$00	96\$00	1 140\$00	16 426\$00
Manuel M. Mestre	426	110	5 715\$00	252\$00	4 860\$00	10 827\$00
Luísa Trindade	329	227	6 865\$00	36\$00	1 920\$00	8 821\$00
Joaquim M. Lopes	386	97	4 135\$00	342\$00	4 290\$00	8 767\$00
<i>Total</i>	1 868	1 262	41 185\$00	894\$00	19 246\$00	61 325\$00
ESTAGIÁRIOS						
João dos R. Borges	368	350	9 340\$00	318\$00	2 820\$00	12 478\$00
Luiz Madureira Reis	315	74	3 250\$00	24\$00	2 060\$00	5 334\$00
Tarcília Soares	160	34	1 047\$50	102\$00	3 990\$00	5 139\$50
M. Lourdes Gama	164	38	1 255\$00	54\$00	3 510\$00	4 819\$00
Rosa Marques	71	10	340\$00	48\$00	1 530\$00	1 918\$00
Luz Maria	38	12	340\$00	24\$00	60\$00	424\$00
<i>Total</i>	1 116	518	15 572\$50	570\$00	13 970\$00	30 112\$50
ESTUDANTES						
António Tomás	265	185	4 480\$00	135\$00	7 380\$00	11 995\$00
Joaquim Casaquinha	51	34	3 709\$00	—	1 320\$00	5 029\$00
Natividade Lopes	132	—	—	54\$00	4 170\$00	4 224\$00
Cesaltina de Matos	80	—	—	—	3 900\$00	3 900\$00
Arnaldo Martins	73	1	60\$00	—	3 720\$00	3 780\$00
Lina V. Rosa	104	—	—	—	3 120\$00	3 120\$00
Daniel Silva	12	9	740\$00	12\$00	120\$00	872\$00
Artur Simões	30	—	—	—	840\$00	840\$00
Cactano da Silva	4	21	760\$00	—	—	760\$00
Santiago	11	11	675\$00	—	—	675\$00
A. Catarino	9	8	470\$00	6\$00	60\$00	535\$00
Carlos Cordas	5	8	280\$00	—	—	280\$00
<i>Total</i>	776	277	11 174\$00	207\$00	24 630\$00	36 011\$00
OCASIONAIS						
Afonso António	475	149	5 646\$00	12\$00	—	5 658\$00
Cândida Bastos	77	58	1 480\$00	6\$00	3 300\$00	4 786\$00
Carlos Diogo	65	32	720\$00	—	720\$00	1 440\$00
João Luís Beato	4	23	740\$00	—	240\$00	980\$00
António Miquelino	9	6	927\$00	—	—	927\$00
João António	54	81	590\$00	—	—	590\$00
Isabel R. Carvalho	24	11	520\$00	—	—	520\$00
Lucinda Cardador	20	—	—	122\$50	—	122\$50
Diversos	32	—	—	130\$00	2 010\$00	2 140\$00
<i>Total</i>	760	360	10 623\$00	270\$50	6 270\$00	17 163\$50
TOTAL GERAL	6 581	3 444	109 384\$00	2 779\$50	98 077\$00	210 301\$00

Semana da Juventude na Igreja do Funchal



Quarteto da igreja do Funchal

ventude. Em todas as reuniões foi cantado o hino da semana de oração.

A reunião de Sábado esteve a cargo do director dos jovens, Pastor Fernando Mendes. Após a leitura da mensagem de encerramento ouvimos um quarteto de jovens que foi apreciado.

Retomou a palavra o Pastor Mendes que, depois dum breve comentário da mensagem dirigiu a todos os presentes, especialmente aos jovens um veemente apelo de consagração.

Coro da igreja do Funchal

A Juventude da Igreja do Funchal vem por este meio saudar todos os prezados irmãos em Jesus Cristo.

Foi com grande entusiasmo que chegamos a mais uma semana de oração e rendemos graças a Deus pelo êxito obtido.

Alguns dos jovens desta igreja tiveram a seu cargo as reuniões. A maior parte dos nossos jovens deu o calor da sua presença e todos tiveram oportunidade de ouvir as belas mensagens e receber as bênçãos que o Senhor dispensou à sua ju-



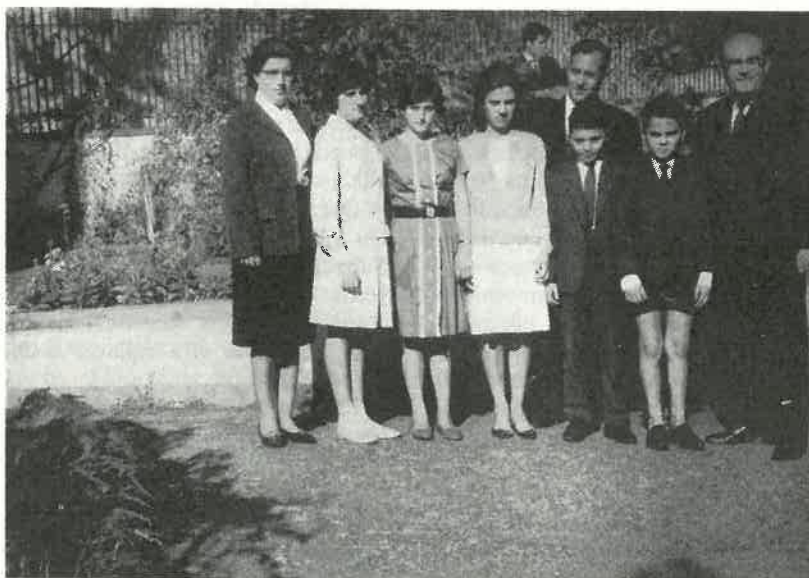
Todos os jovens, formando um círculo ao longo das vastas paredes da nossa sala de culto, e de mãos dadas uniram-se uns aos outros numa mesma fé e num mesmo propósito.

Em seguida foi acendida uma vela, símbolo da nossa fé e da mensagem a todo o mundo, que partindo do Pastor Mendes, passou de mão em mão por todos os jovens, voltando ao ponto de partida. Na oração de consagração todos estavam comovidos e estamos certos que esse momento ficará inolvidável no coração de cada jovem.

À tarde, e para concluirmos com chave de ouro tivemos uma cerimónia baptismal, entregando-se ao Senhor seis preciosas almas, entre as quais cinco jovens.

Queremos agradecer à jovem Eunice Mendes a sua boa vontade em ensaiar o coro e o quarteto, ao director da juventude pelo seu carinho e dedicação, e pela maneira como orientou todas as reuniões.

Jovens da igreja do Funchal baptizados na semana de oração



Alguns dos jovens que tomaram parte no passeio de confraternização — Funchal

Também agradecemos a todos os jovens pela boa vontade e prontidão com que compareceram e tomaram parte nas diversas actividades desta semana.

No domingo realizamos um passeio de confraternização. Antes de iniciarmos a nossa recreação física

reunimo-nos à volta do Pastor Mendes para o culto matinal.

O dia estava maravilhoso e os jogos decorreram debaixo da orientação do jovem José Teixeira, vice-director da juventude.

À tardinha todos voltaram contentes e cansados, com as melhores recordações desta semana de oração que já pertence ao passado.

A nossa juventude prepara-se para a campanha das missões e estamos certos que, se Deus quiser, obteremos o mesmo êxito dos anos anteriores. Que o Senhor seja connosco!

Os jovens da Madeira enviam um abraço fraternal a todos os jovens e irmãos do campo português através do,

Secretário

dos M. V. do Funchal

José Albino Freitas Vieira

A Escola Sabatina e a vinda de Jesus

D. VASCO

Que terá a Escola Sabatina que ver com a vinda de Jesus? Muito! Senão, vejamos:

«E este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes e então virá o fim». (Mat. 24:14) Daqui se depreende que a data do regresso do nosso Senhor está dependente da pregação do evangelho a toda a criatura. Por sua vez, esta pregação depende daqueles que são enviados a espalhá-la: «... como crerão n'Aquele de Quem não ouviram se não há quem pregue? e como pregarão, se não forem enviados?» (Rom. 1:14, 15) Portanto, a vinda do nosso Mestre depende do número de missionários enviados por todo o mundo e de missões estabelecidas nas regiões mais longínquas da terra.

Sendo assim, façamos o seguinte raciocínio: Que seria se não tivéssemos a bênção duma boa organização e uma obra missionária tão vasta, a ponto de sermos hoje a denominação evangélica de maior acção missionária em todo o mundo? Certo que a obra estaria bem mais longe de se concluir; e a vinda de Jesus, de se realizar!

Acrescentemos agora que metade do dinheiro investido nas missões provém exclusivamente das ofertas levantadas na Escola Sabatina, e assim poderemos avaliar a importância da contribuição deste departamento para abreviar a pregação do evangelho e, conseqüentemente, apressar a vinda do Salvador! Isto sem falar no papel da Escola Sabatina na instrução dos crentes e na sua preparação para testemunharem a Fé. Sem falar, ainda no trabalho missionário que é possível realizar através da organização de escolas anexas e que, nalguns lugares, se tem revelado um poderoso meio de evangelização, fundando igrejas e espalhando, por toda a parte, o conhecimento das boas-novas da salvação!

Suprima-se a Escola Sabatina, e, tudo o que foi possível realizar, nestes cem anos de progresso da nossa Denominação, ficará, pelo menos, reduzido a metade. Precisamos de exprimir a nossa gratidão

a Deus pela bênção que representa a Escola Sabatina, na nossa Igreja.

Mas Jesus ainda não veio e muito há ainda para fazer. Por quanto tempo mais? Só Deus o sabe, mas também nós sabemos que o condicionalismo é nosso; tudo depende da nossa acção. Por isso é importante intensificar a obra missionária e, para tal, é mister que a Escola Sabatina, ao contrário de afrouxar, se torne cada vez mais zelosa, levando a cabo o empreendimento no qual se empenhou.

Ora a Escola Sabatina somos nós, seus alunos, seus professores, seus dirigentes, todos os membros

que a compõem; e, a nós, cabe a decisão. O Plano 3% apresenta-se com grandes possibilidades. «Segundo a sua prosperidade» é a regra que Deus deseja ver aplicada na determinação da parte que cabe a cada um. Que bênção será ver que as ofertas feitas através da Escola Sabatina aumentam em proporção com o aumento dos nossos dízimos! Isso só quererá dizer que o povo de Deus sabe a razão por que existe e compreende a grandeza da sua missão — preparar e apressar a segunda vinda do Salvador a esta terra, a fim de consumir o grande Plano da Salvação.

O sinal do verdadeiro Povo de Deus

(Continuação da pág. 9)

o domingo já têm ao sinal da besta, e que todos os que professam observar o Sábado do quarto Mandamento receberam sinal de Deus. Quando o Evangelho tiver sido pregado em todo o mundo e que o resultado do grande conflito for claramente definido, então é que o falso Sábado será o sinal da obediência ao grande adversário. Quanto à observância do Sábado, será a marca, o sinal da obediência a Jesus Cristo.

A boa maneira de observar o Sábado

Se o Sábado tem um valor, como é que deve ser santificado?

Os nossos pais espirituais, os Judeus, esforçavam-se por se conformar a todas as exigências do quarto Mandamento. Para isto, multiplicavam as regras. Contudo, quando Jesus veio viver entre eles, não chegou a convencê-los de que a sua maneira de observar o Sábado era errónea. A razão era porque tinham esquecido o que representava o Sábado. Obedeciam a um mandamento arbitrário que os obrigava a cessar todo o trabalho naquele dia. Tinham perdido de vista que o Sábado é o memorial do poder criador de Deus. Não eram capazes de compreender que aquele dia é um tipo de repouso futuro e da restauração que o há-de acompanhar. Em lugar disto, esperavam eles um reino terrestres.

Tinham, sobretudo, esquecido que o Sábado é destinado a recordar-nos que é Deus que nos santifica, e que a justiça vem da fé e não das obras da lei, por melhores que elas sejam.

Foi assim, que na sexta-feira da crucifixão, à tarde, alguns chefes judeus foram a Pilatos para lhe pedir licença de retirarem da cruz o corpo do seu Criador, para poderem santificar o Sábado, para obedecerem Aquele mesmo Criador que eles tinham morto.

Não estamos livres de nos perdermos no formalismo. Talvez que nos contentemos, para obedecer ao Mandamento, de cessar as nossas ocupações de sexta-feira, do pôr-do-sol até ao outro pôr-do-sol de Sábado? Se é este o nosso caso, então não santificamos o Sábado senão na aparência; perdemos todo o benefício da sua verdadeira observância.

Que todos possamos compreender plenamente que santificando o Sábado, como deve ser, aceitamos Jesus como nosso Criador, como Aquele que nos santifica, e que bem depressas virá renovar todas as coisas.

Repetimos, para findar, que a observância do Sábado se destina a fortalecer a nossa fé em Jesus Cristo. Esta fé n'Ele, cuja observância do Sábado, é o sinal, prova que uma pessoa faz parte do verdadeiro povo de Deus.

UM DOS SETE

ALFRED F. VAUCHER

O Dia de Repouso é um dom de Deus. Nas «considerações preliminares» que antecedem o seu tratado *O Dia da Alegria*, o Dr. John Gritton escrevia:

«O dia de repouso é uma dádiva do nosso amoroso Pai Celestial. A fiel observância do dia de repouso é Seu mandamento. — Quando o nosso Deus, o nosso Pai, o nosso Rei falou, nada mais há que dizer.

É evidente que o nosso Pai celeste concedeu o dia de repouso. É igualmente evidente que ordena que o observemos com reverência e alegria, como um dia separado de todos os outros. Se uma coisa existe, é necessário que tenha principio. Não há nenhuma causa a que se possa atribuir o dia de repouso, fora do querer e da ordem de Deus.

1. — O dia de repouso não teve origem nas fases lunares. Todos os povos podiam fazer as suas observações sobre a Lua; mas só aqueles que tiveram algum conhecimento da vontade de Deus, como está revelada na Bíblia, é que gozaram de um dia de repouso em intervalos fixos semanais.

2. — O homem não o inventou. Agora, que o temos, muita gente e de todas as classes procuram desfazer-se dele, da mesma maneira que procuram desfazer-se do Evangelho e de todas as outras dádivas e bênçãos de Deus. O mesmo egoísmo teria impedido os homens de estabelecerem o dia de repouso semanal. Entre tanta ligeireza, frivolidade, cobiça e egoísmo como é que se teriam decidido a instituí-lo, mesmo que tivessem tido sabedoria e autoridade para o fazer? Os homens desejam obter toda a possibilidade de ganho e de gozar todo o possível divertimento e prazer. O facto de separar um dia de entre sete para repousar e para adorar não agrada a ninguém, pois considera-se tal separação como uma perda na sétima parte das alegrias e das riquezas mundanas. Se qualquer homem tivesse inventado um tal dia, este seria sido, simplesmente, um dia de repouso, cuja necessidade ele podia experimentar; mas tal homem nunca teria feito daquele dia, um dia de santa adoração — um dia santificado ao Senhor.

3. — Outras opiniões têm sido apresentadas a respeito da origem

do dia de repouso, mas nenhuma delas é consistente. A todas elas falta qualquer coisa. Mas tudo se torna evidente com a narrativa bíblica.

Foi Deus, portanto, quem nos deu o dia de repouso. O repouso semanal é o dia de repouso de Jeová. Na criação Ele o santificou. Quando nos Dez Mandamentos escreveu com a própria mão o que era a sua vontade para com os homens, o próprio Deus ordenou a guarda do Seu dia de repouso. É este o Seu dia. Determinado por Ele, estabelecido por Ele, ordenado por Ele, abençoado por Ele, é a Sua grande dádiva concedida aos homens — cansados, fracos, necessitados».

Talvez se possa objectar que vários povos antigos conheceram o período semanal, e até mesmo alguns, o carácter particular do Sétimo Dia.

Mas isto explica-se mediante uma tradição universal que ascende às primeiras origens da humanidade. Também é necessário ter na devida conta que a dispersão de Israel influuiu bastante nas ideias religiosas de alguns povos, particularmente, no mundo greco-romano.